

Hoje vai ser diferente
Hoje vai ser diferente
Hoje vai ser diferente
Hoje vai ser diferente
Hoje vai ser diferente
Hoje vai ser diferente

MARIA SEMPLE

“Um romance de sonho.
Poético, hilariante e inteligente.
Imaginem Mrs. Dalloway
sob o efeito de gás do riso.”

MEG WOLITZER,
AUTORA DE *OS INTERESSANTES*

teorema



MARIA SEMPLÉ

HOJE VAI SER DIFERENTE

Tradução
Tânia Ganho

teorema

O TRUQUE

Porque da outra maneira não estava a resultar. O acordar só para despachar o dia até ser hora de deitar outra vez. O ramerrame que era uma autêntica vergonha, uma afronta ao privilégio inusitado de estarmos vivos. O passar pela vida como um fantasma, a falta de concentração irritadiça, a confusão pautada pela pressa. (Tudo isto não passa de mera dedução, porque não faço a mínima ideia da imagem que transmito, a minha consciência está completamente soterrada, como um sapo no inverno.) O deixar o mundo em pior estado do que o encontrámos, só pelo simples facto de existirmos. A cegueira à destruição que semeava no meu rasto. A postura à Mr. Magoo.

Se querem mesmo que seja sincera, aqui têm o relato de como deixei o mundo na semana passada: pior, pior, melhor, pior, na mesma, pior, na mesma. Não é propriamente um inventário que faça uma pessoa inchar de orgulho. Mas reparem bem que não preciso forçosamente de deixar o mundo em melhor estado do que o encontrei. Hoje, vou viver segundo o juramento de Hipócrates: acima de tudo, não prejudicar.

Será assim tão difícil? Levar o Timby à escola, ter a minha aula de poesia (a minha parte preferida da vida!), fazer uma sessão de ioga, almoçar com a Sydney Madsen, que não suporto, mas pelo menos assim posso riscá-la da lista (mais pormenores

adiante), ir buscar o Timby e retribuir a generosidade do Joe, o patrocinador de toda esta louca abundância.

Estão a tentar perceber o porquê de tanta ansiedade em torno dos problemas de um dia normal de gente branca? Porque existo eu e existe a besta em mim. Seria genial se a besta em mim, chocante e alada, atuasse numa tela gigante, causando uma fabulosa vaga de destruição, de que as pessoas falariam para todo o sempre. Se eu conseguisse fazer tal coisa, talvez me imolasse gloriosamente em nome da arte performativa. Mas querem saber a triste verdade? A besta que há em mim atua a uma escala penosamente pequena: microtransações lamentáveis, regra geral envolvendo o Timby, os meus amigos ou o Joe. Fico irritadiça e consumida de ansiedade quando estou com eles; sentimental e com conversas de merda quando não estou. Ah! Não se sentem contentes por estarem a uma distância segura, com as portas trancadas, as janelas fechadas? Vá, andem lá. Eu sou simpática. Estou a exagerar só para causar mais impacto. Na realidade, as coisas não são bem assim.

O dia começou no instante em que atirei os lençóis para os pés da cama. De imediato, o tic-tic-tic das unhas do *Ioiô* a atravessar o soalho e a parar à porta do quarto. Porque é que, quando é o Joe a atirar os lençóis para os pés da cama, o *Ioiô* não trota-trota-trota e espera, numa pose de abjeta esperança? Como é que o *Ioiô*, do lado de lá de uma porta fechada, consegue perceber que sou eu e não o Joe? Um treinador de cães explicou-me isto, um dia, e eu achei a ideia deprimente: o *Ioiô* sente o meu cheiro quando afasto os lençóis. O facto de, para ele, o nirvana ser uma foca morta que deu à costa leva-me a perguntar: já está na hora de ir para a cama? Não, não vou por aí. Hoje, não.

Não foi minha intenção parecer reservada em relação à Sydney Madsen.

Quando o Joe e eu nos mudámos de Nova Iorque para Seattle, há dez anos, estávamos prontos para ter filhos. Eu tinha acabado de dedicar cinco anos cansativos à série *O paul de Looper*. Em todos os lados se via *merchandising* da série: camisolas, autocolantes nos carros, tapetes para o rato. «Sou uma Vivian.» «Sou uma Dot.» Lembram-se com certeza. Se não se lembram, vão a uma loja de pechinchas e procurem no caixote das promoções «Leve dois, pague um». Já lá vai um bom bocado.

O Joe, cirurgião especializado em mãos, tinha-se tornado uma espécie de lenda por ter operado aquele *quarterback* que ficou com o polegar todo dobrado para trás e que toda a gente pensou que nunca mais voltaria a jogar, mas no ano seguinte venceu a Super Taça. (Não me lembro do nome dele, mas, mesmo que me lembrasse, não o podia dizer aqui, por uma questão de sigilo entre o médico, o doente e a mulher bisbilhoteira do médico.)

O Joe tinha ofertas de trabalho em todo o lado. Porquê Seattle? Joe, um bom rapaz católico dos arredores de Buffalo, não concebia a ideia de educar uma criança em Manhattan, que era a minha primeira escolha. Fizemos um acordo. Mudávamo-nos para onde ele quisesse durante dez anos; depois, voltávamos para Nova Iorque durante outros dez; dez anos na cidade dele, dez anos na minha; e assim sucessivamente, até à morte. (Um acordo de que ele se esqueceu convenientemente, devo acrescentar, uma vez que estamos a chegar ao décimo ano e nem um pio sobre fazer as malas.)

Como toda a gente sabe, ser criado na fé católica significa, para qualquer pessoa com um mínimo de inteligência, tornar-se

ateu. Num dos nossos congressos de cétricos (sim, passámos os primeiros anos de relação a fazer coisas do estilo ir de carro a Filadélfia ver um debate entre o Penn Jillette¹ e um rabino! Oh, que maravilha voltar ao tempo em que não tínhamos filhos... ou talvez não), o Joe ouviu dizer que Seattle era a cidade menos religiosa da América. E, pronto, ficou decidido Seattle.

Uma fulana do conselho de administração dos Médicos Sem Fronteiras organizou uma festa para nos dar as boas-vindas a Seattle. Entrei qual cisne na mansão dela, no lago Washington, recheada de obras de arte moderna e futuros amigos, era só eu escolher os que quisesse. A minha vida toda, as pessoas sempre gostaram de mim. Bom, na realidade, as pessoas sempre me *adoraram*. Não entendo porquê, tendo em conta a minha personalidade vergonhosa, mas de alguma maneira a coisa funciona. O Joe diz que é por eu ser a mulher mais com mente de gajo que ele conhece, mas *sexy* e sem membrana emocional. (Um elogio!) Fui de assoalhada em assoalhada, sendo apresentada a uma série de mulheres que se confundiam umas com as outras pelo seu decoro e afabilidade. Era aquele tipo de situação em que conhecemos alguém que diz que gosta de acampar e nós respondemos: «Ah, ainda agora estive a falar com uma pessoa que vai fazer uma viagem de dez dias, vai descer os rápidos do rio Snake, tem de falar com ela!» e a pessoa responde: «Era eu.»

Que posso eu dizer? Sou péssima a memorizar caras. E nomes. E números. E horas. E datas.

A festa toda foi uma espécie de borrão, com uma mulher desejosa de me mostrar lojas fabulosas, outra os trilhos secretos da região, outra o restaurante italiano do pai do Mario Batali² em Pioneer Square, outra o melhor dentista da cidade que tem

¹ Artista multifacetado conhecido, entre muitas outras coisas, pelo seu trabalho de promoção do ateísmo. (*N. da T.*)

² Famoso *chef* norte-americano. (*N. da T.*)

uma pintura no teto, feita com purpurina, de um tigre a cair de para-quedas, outra disposta a partilhar a sua governanta. Uma delas, a Sydney Madsen, convidou-me para almoçar no dia seguinte, no Tamarind Tree, no International District.

(O Joe inventou uma coisa a que chama «o teste da revista». É a reação que temos quando abrimos a caixa do correio e tiramos uma revista. Sabemos de imediato se ficámos felizes por ver a revista ou desiludidos. É por isso que não assino a *New Yorker*, mas assino a revista cor-de-rosa *Us Weekly*. Descobri que a Sydney Madsen é o equivalente humano da *Tinnitus Today*, a revista da Associação Americana do Zumbido nos Ouvidos.)

O nosso primeiro almoço: ela foi tão cuidadosa a escolher as palavras, tão sincera na maneira de olhar, reparou numa manchinha no garfo e foi excessivamente solícita para o empregado de mesa quando lhe pediu outro garfo, levou o seu próprio saquinho de chá para o restaurante e pediu água a ferver, disse que não tinha muita fome por isso que tal partilharmos a minha salada de papaia, contou que nunca tinha visto um episódio d'*O paul de Looper*, mas ia reservar os DVD na mediateca.

Acham que pinteí uma imagem suficientemente clara de uma pessoa reprimida e chata, burra e egoísta, sovina e repulsiva? Um garfo com uma mancha de água nunca matou ninguém! E que tal *comprares* os DVD? E comeres a comida do restaurante? É assim que eles ganham a vida! Mas o pior de tudo era que a Sydney Madsen era uma criatura imperturbável, zelosa, sem um pingo de sentido de humor e que falava... muito... devagar... como... se... as... suas... banalidades... fossem... moedinhas... de... ouro.

Fiquei em estado de choque. Viver demasiado tempo em Nova Iorque faz isso a uma miúda, dá-lhe a falsa sensação de que o mundo está cheio de pessoas interessantes. Ou pelo menos de pessoas loucas, mas com uma loucura interessante.

A dada altura, contorci-me com tanta violência na cadeira que a Sydney até perguntou: «Precisas de ir ao toucador?» (Toucador? *Toucador?! Matem-na!*) E o pior de tudo... Estão a ver aquele monte de mulheres com quem aceitei alegremente ir às compras e fazer caminhadas? Não eram um monte de mulheres. Eram todas a Sydney Madsen! Maldito borrão de gente indistinta! Precisei de me socorrer das minhas armas todas para estancar o jorro de sugestões que ela me lançou: passar um fim de semana na casa de praia dela na ilha Vashon, apresentar-me à mulher de não sei quem para não sei o quê, ao dramaturgo de não sei o quê para não sei que mais.

Voltei para casa a correr e aos berros.

Joe: Devias ter desconfiado de uma pessoa tão desejosa de fazer amigos, porque provavelmente isso significa que não tem nenhum.

Eu: É por isso que te amo, Joe. Consegues reduzir tudo a uma fórmula simples. (Joe, o redutor. Adoramo-lo, não adoramos?)

Desculpem-me por me alongar tanto a falar da Sydney Madsen. A questão é: há dez anos que não me consigo livrar dela. É a amiga de que não gosto, a amiga que não sei o que faz na vida, porque fiquei tão embrutecida da primeira vez que falámos que não lhe perguntei e agora seria má-educação perguntar (porque eu não sou mal-educada), a amiga com quem não consigo ser suficientemente má para que ela se enxergue (porque eu não sou má), a amiga a quem não paro de dizer «não» e, no entanto, teima em vir atrás de mim. A Sydney é como o Parkinson: não tem cura, o único remédio é lidar com os sintomas.

Pois hoje dobram os sinos do almoço.

Fiquem sabendo que tenho noção de que almoçar com uma pessoa chata é um problema de nada. Quando digo que tenho problemas, não me refiro à Sydney Madsen.

O *Ioio* trota rua abaixo, qual príncipe do bairro de Belltown. Ai, *Ioio*, criatura tola, com esse teu entusiasmo e devoção cega e essa tua orelha partida a adejar a cada passo. É comovente ver o orgulho que sentes por eu te levar a passear, eu, a tua paixão imortal. Se tu soubesses...

Que espetáculo desanimador que tem sido ver passar mais um mês e surgir mais uma torre, ainda mais alta do que a anterior, todas elas à cunha com os chocos da Amazon portadores de crachás azuis, que todas as manhãs deixam os seus estúdios e desaguam aos milhares no meu quarteirão, com as cabeças enfiadas em aparelhos, olhos sempre baixos. (Trabalham para a Amazon, por isso sabemos que são desumanos. A questão é: desumanos até que ponto?) Fazem-me ter saudades dos tempos em que a Terceira Avenida era só eu, fachadas de lojas vazias e um ou outro anfetaminado aos gritos: «É *assim* que se escreve América!»

À porta do nosso prédio, estava o Dennis, junto do seu caixote do lixo com rodinhas, a recarregar o distribuidor de sacos de plástico para o cocó dos cães.

– Bom dia para vocês os dois.

– Bom dia, Dennis! – Em vez de passar sem mais demoras, como costumava fazer, parei e levantei os olhos para os dele.
– Então, o dia está a correr bem?

– Oh, não me posso queixar – disse ele. – E o teu?

– Posso queixar-me, mas não o farei.

O Dennis soltou uma gargalhada.

Pronto, hoje já tenho um saldo positivo.

Abri a porta de casa. Deparei com o Joe, ao fundo do corredor, de cabeça caída em cima da mesa da sala de jantar, com a testa apoiada no jornal e os braços abertos com os cotovelos dobrados como se tivesse sido detido pela polícia.

Era uma imagem dissonante, de pura derrota, a última coisa que eu alguma vez associaria ao Joe...

Tim.

Fechei a porta. Soltei o *Ioió* do arnês. Quando me endireitei, já o meu marido abalado se levantara de um salto e se refugiara no seu escritório. Fosse o que fosse que o atormentasse, pelos vistos ele não queria falar sobre o assunto.

Qual foi a minha reação? Por mim, tudo bem!

O *Ioió* precipitou-se para a comida, tipo galgo, com as patas traseiras a ultrapassarem as da frente. Quando percebeu que era a mesma comida seca que já ali estava antes do passeio, foi esmagado por um sentimento de desconcerto e traição. Deu um passo e cravou os olhos num ponto no chão.

A luz do Timby acendeu-se. Bendito seja, levantou-se antes de o despertador tocar. Fui à casa de banho dele e encontrei-o de pijama, em cima do banquinho que servia de degrau.

– Bom dia, meu amor. Olhem só para ti, já acordado e a pé.

O Timby parou o que estava a fazer.

– Podemos comer *bacon*, hoje?

O Timby, ao espelho, estava à espera que eu me fosse embora. Baixei os olhos para as mãos dele. O Pepe Rápido em miniatura foi mais rápido do que o meu olhar. Enfiou qualquer coisa no lavatório antes que eu conseguisse ver. O ruído inconfundível de plástico leve... o Sephora 200!

A culpa era toda minha e de mais ninguém, se o Pai Natal pôs um estojo de maquilhagem no sapatinho do Timby. Era assim

que eu conseguia ganhar mais uns minutos só para mim no Nordstrom³: mandava o Timby passear pela secção de cosméticos. As meninas que lá trabalhavam adoravam a docilidade dele, o seu corpinho de saca de açúcar, a voz esganiçada. Não demoraram muito a começar a maquilhá-lo. Não sei se era da maquilhagem que ele gostava ou de ser mimado por um bando de louras. Por brincadeira, comprei um estojo do tamanho de um livro de bolso que se abria como um leque, revelando seis tabuleiros de maquilhagem (!), com duzentos (!) tons de sombras, *glosses*, *blushes* e sei lá que mais. A pessoa que conseguiu encaixar tanta coisa em tão pouco espaço devia decididamente ir trabalhar para a NASA. Se é que ela ainda existe.

– Sabes que não podes ir para a escola maquilhado, não sabes? – disse-lhe eu.

– Sei, mamã. – O suspiro e o descair de ombros pareceram saidinhos do canal Disney. Uma vez mais, a culpa era minha por ter deixado que a coisa se entranhasse. Depois das aulas, nada de televisão, íamos fazer um *puzzle*!

Saí do quarto do Timby. O *Ioio*, ansioso, estremeceu de alívio ao ver que eu ainda existia. Sabendo que, a seguir, eu ia à cozinha fazer o pequeno-almoço, precipitou-se à minha frente para a taça da comida. Desta vez, dignou-se a comer um pouco, observando-me com um olho.

O Joe tinha reaparecido e estava a fazer chá.

– Está tudo bem? – perguntei.

– Estás toda bonita! – disse ele.

Fiel ao meu esquema grandioso para o dia, eu tinha tomado banho e enfiado um vestido e uns sapatos de atacadores. Se olhassem para o meu armário, veriam uma mulher com um estilo específico. Vestidos de França e da Bélgica, etiquetas arrancadas

³ Cadeia de grandes armazéns sediada em Seattle. (*N. da T.*)

antes de chegar a casa, porque se o Joe visse os preços tinha um aneurisma, e todas as variantes de sapatos pretos rasos... uma vez mais, é escusado falar em preços. Comprá-los? Sim. Calçá-los? A maior parte dos dias, isso requeria demasiada energia.

– A Olivia vem hoje à noite – disse eu, piscando um olho, já a sentir o gostinho dos vinhos e do *rigatoni* no Tavolàta.

– E se ela levasse o Timby a dar uma volta, para podermos ter uns momentos só para nós? – O Joe agarrou-me pela cintura e puxou-me para ele como se não tivéssemos cinquenta anos.

Sabem de quem tenho inveja? Das lésbicas. Porquê? Por causa da morte no leito lésbico. Parece que, passado o primeiro arrebatamento de sexo escaldante, o casal lésbico deixa por completo de ter relações sexuais. O que faz todo o sentido. Se pudessem, as mulheres deixavam de fazer sexo depois de serem mães. Não há nenhuma necessidade evolucionária para continuarem a fazer sexo. O nosso cérebro sabe disso, o nosso corpo sabe disso. Quem é que se sente *sexy* durante a estafa da maternidade, ou com o pneu de gordura e o rabo descaído da meia-idade? Quem é que quer que a vejam nua e que lhe acariciem os seios moles como massa para bolos, ou que lhe toquem na barriga esponjosa como fruta-pão? Quem quer fingir que está toda excitada, quando o pote de mel secou?

Quem? Eu, ora quem! Para não ser trocada por um modelo mais jovem.

– Uns momentos só para nós? Combinado – disse eu ao Joe.

– Mamã, isto está estragado. – O Timby entrou na cozinha com a guitarra havaiana e pousou-a em cima da bancada. Suspeitosamente perto do caixote do lixo. – O som é uma porcária.

– O que sugeres que eu faça? – perguntei, desafiando-o a responder *Compra uma nova*.

O Joe pegou na guitarra e dedilhou as cordas.

– Está só um bocadinho desafinada – disse, e pôs-se a esticar as cordas.

– Desde quando é que sabes afinar uma guitarra havaiana? – perguntei, surpreendida.

– Sou um homem cheio de mistérios – retorquiu o Joe. E sacou do instrumento um harmonioso acorde.

O *bacon* e as rabanadas foram devorados, os batidos bebidos. O Timby estava mergulhado numa edição especial da banda desenhada *Archie*. O meu sorriso estava colado nos lábios.

Há dois anos, quando eu andava armada em mártir por ter de preparar o pequeno-almoço todos os dias, o Joe disse: «Eu pago esta palhaçada toda. Importas-te de descer da tua cruz e fazer o pequeno-almoço sem estar sempre a suspirar?»

Eu sei o que estão a pensar: *Que idiota! Que rufia sexista!* Mas o Joe tinha uma certa razão. Montes de mulheres fariam coisas bem piores, de bom grado, em troca de um guarda-roupa belga. A partir daí, passei a servir com um sorriso. Chama-se a isto saber quando se está em posição de desvantagem.

O Joe mostrou o jornal ao Timby.

– A exposição de Pinball vai voltar a Seattle. Queres ir ver?

– Achas que a máquina do Evel Knievel ainda está avariada?

– Quase de certeza que sim – respondeu o Joe.

Entreguei o poema que tinha imprimido e coberto de apontamentos.

– Muito bem, quem me ajuda? – perguntei.

O Timby não levantou a cabeça.

O Joe pegou na folha.

– Ooh, Robert Lowell!

Hora da Doninha-Fedorenta

De Robert Lowell

(Para Elizabeth Bishop)

A solitária herdeira da ilha Nautilus
ainda passa o inverno na sua espartana casa;
as suas ovelhas ainda pastam acima do mar.
O seu filho é bispo. O seu lavrador,
um eminente membro da nossa comunidade;
ela atingiu a senilidade.

Ansiando pela
privacidade hierárquica
dos tempos da Rainha Vitória,
compra todas as chagas
que maculam a sua costa,
e deixa-as ruir sem lhes dar resposta.

A temporada está condenada:
perdemos o nosso milionário estival,
que parecia saído de um catálogo de moda.
O seu escaler de nove nós
foi leiloado a pescadores de lagosta.
Uma mancha vermelho-viva veste a Colina Azul.

E agora o nosso efeminado
decorador enfeita a sua loja para o outono;
a sua rede está cheia de cortiça laranja,
laranja são a sua bancada e sovela;
o seu trabalho não o tirará da pobreza,
preferia no casamento encontrar riqueza.

8:30 quinta
Lola @ Out.

de estilo austero

impressões de uma povoação
à beira-mar depois
do verão... a caminho
do inverno

SEU

NOSSO

utensílios com que os
sapateiros sabem furar
no cabedal

*

Numa escura noite,
o (meu) Ford Tudor trepou ao cocuruto da colina;
procurei carros de namorados. De luzes baixas,
encontravam-se lado a lado, casco a casco,
onde o cemitério se debruça sobre a cidade.
A minha mente está doente.

MEU

O rádio de um carro choraminga:
«Amor, ó amor displicente...»
Ouço o meu espírito doente em cada célula do meu sangue
a soluçar
como se a minha mão o quisesse esganar...
Eu sou o meu inferno;
não há ninguém aqui...

o sangue?

* somente doninhas-fedorentas, que procuram
algo para comer à luz da Lua.

Marcham sobre as suas solas ao longo da rua:
riscas brancas, chamas vermelhas de olhos lunáticos
sob a torre-mastro esboroada
da Igreja da Santa Trindade.

Posto-me ao cimo
dos nossos degraus das traseiras e inspiro o ar...
uma mãe doninha com a sua coluna de filhotes
mergulha nos caixotes.

eu / nossos?

formação militar

Enfia a cabeça em cunha num copo
de natas azedas, baixa a sua cauda de avestruz,
e não se deixa assustar.

Comecei a recitar de cor:

– «A solitária herdeira da ilha Nautilus ainda passa o inverno na sua espartana casa; as suas ovelhas ainda pastam acima do mar. O seu filho é bispo. O seu lavrador, eminente membro...»

– O seu lavrador, *um* eminente membro – corrigiu o Joe.

– Porra. «O seu lavrador, *um* eminente membro.»

– Mamã!

Fiz chiu para o Timby se calar e continuei.

– «... da nossa comunidade; ela atingiu a senilidade. Ansiando pela privacidade hierárquica dos tempos da Rainha Vitória, compra todas as chagas que maculam a sua costa, e deixa-as ruir sem lhes dar resposta. A temporada está condenada... perdemos o nosso milionário estival, que parecia saído de um catálogo de moda...»

– Mamã, olha para o *Ioió*. Já viste como ele apoia o queixo nas patas?

O *Ioió* estava parado no seu losango cor-de-rosa, de onde podia ver se caía algum bocadinho de comida, com as patitas brancas delicadamente cruzadas.

– Uau – disse eu.

– Emprestas-me o teu telemóvel? – perguntou o Timby.

– Aprecia o teu animal de estimação – respondi. – Não tens de estar sempre a usar aparelhos eletrónicos.

– É muito fixe o que a mãe está a fazer – disse o Joe ao Timby. – Sempre a aprender.

– A aprender e a esquecer – disse eu. – Mas obrigada.

Ele lançou-me um beijo pelo ar.

Continuei.

– «O seu escaler de nove nós foi leiloado a pescadores de lagosta...»

– Adoramos o *Ioió*, não adoramos? – perguntou o Timby.

– Adoramos. – É a pura verdade. O *Ioió* é o cão mais giro do mundo, tem uma parte de *boston terrier*, uma parte de *pug*

e uma parte de outra coisa qualquer... Malhado e branco, com uma venda preta no olho, orelhas grandes e espetadas, focinho esborrachado e cauda em rosca. Antes da invasão da Amazon, quando na rua só havia eu e as prostitutas, uma delas comentou: «É como se a Barbie tivesse tido um *pit bull*.»

– Papá – disse o Timby. – Não adoras o *Ioió*?

O Joe olhou para o *Ioió* e ponderou a questão. (Mais uma prova da superioridade do Joe: pensa antes de falar.)

– Ele é um bocado esquisito – respondeu o Joe, e virou-se novamente para o poema.

O Timby deixou cair o garfo. Eu deixei cair o queixo.

– *Esquisito?* – gritou o Timby.

O Joe levantou os olhos.

– Sim. O que é que isso tem?

– Oh, papá! Como é que podes dizer uma coisa dessas?

– Ele passa o dia aí sentado com ar deprimido – explicou o Joe. – Quando chegamos a casa, não vai ter connosco à porta para nos receber. Quando estamos aqui, só dorme, espera que algum de nós deixe cair comida no chão ou então fica espedado a olhar para a porta da rua como se tivesse uma enxaqueca.

O Timby e eu ficámos absolutamente sem palavras.

– Eu sei o que ele ganha *connosco* – continuou o Joe. – Só não sei o que ganhamos nós *com ele*.

O Timby saltou da cadeira e deitou-se de través em cima do *Ioió*, um gesto que para ele era um abraço.

– Oh, *Ioió!* *Eu* adoro-te.

– Continua – disse o Joe, abanando a folha do poema. – Estavas a ir muito bem. – «A temporada está condenada...»

– «A temporada está condenada» – repeti. – «Perdemos o nosso milionário estival, que parecia saído de um catálogo de moda...» – Virando-me para o Timby, disse: – Vai-te arranjar.

– Vais-me deixar à porta ou vais-me acompanhar até lá dentro?

– À porta. Tenho encontro com o Alonzo às oito e meia.

Terminado o pequeno-almoço, o *Ioiô* levantou-se da almofada. O Joe e eu observámo-lo, quando se dirigiu para a porta da rua e ficou espedado a olhar para ela.

– Não percebi que estava a ser polémico – disse o Joe. – «A temporada está condenada.»